CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE

PSICOLOGIA

MARCELA LOURENÇO MOREIRA BARBOSA

**ASPECTOS INTERFERENTES NO COMPORTAMENTO DO
ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: INFLUÊNCIAS
BIOPSIKOSSOCIAIS.**

Bebedouro

2019

Resumo

A pesquisa trata-se de um levantamento de informações sobre os possíveis causadores de comportamentos delinquentes, delimitando-se em aspectos biológicos, psicológicos e/ou sociais que possam influenciar comportamentos divergentes e infratores em crianças e adolescentes. A pesquisa usa método de revisão sistemática para investigar diversas vertentes do assunto: comportamentos delinquentes na infância e adolescência, investigando estes comportamentos e suas características biopsicossociais. Além disso, a monografia busca o olhar da psicologia nas interfaces do desenvolvimento biopsicossocial, atraído ao comportamento infantil e juvenil delinquentes, com a responsabilidade social de proporcionar uma nova visão de mundo sobre aqueles que não se enquadram no esperado socialmente. Os autores investigados na revisão bibliográfica, apesar das diferentes visões de mundo, ressaltam a importância da família, escola e grupos sociais que junto a aspectos psicológicos, podem ser uma explicação para os comportamentos delinquentes. Vale ressaltar que estes aspectos são subjetivos, portanto, não devem ser considerados absolutos uma vez que cada sujeito tem sua própria subjetividade.

Palavras-chave: Comportamentos delinquentes; Adolescência; Influência biopsicossocial.

Abstract

The research is a survey of information on the possible causes of delinquent behaviors, delimiting biological, psychological and / or social aspects that may influence divergent and infringing behaviors in children and adolescents. The research uses systematic review method to investigate several aspects of the subject: delinquent behaviors in childhood and adolescence, investigating these behaviors and their biopsychosocial characteristics. In addition, the monograph seeks the look of psychology at the interfaces of biopsychosocial development, attracted to delinquent child and juvenile behavior, with the social responsibility of providing a new world view on those who do not fit the socially expected. Despite the different worldviews, the authors investigated in the literature review emphasize the importance of family, school and social groups that together with psychological aspects can be an explanation for delinquent behaviors. It is noteworthy that these aspects are subjective, therefore, should not be considered absolute since each subject has its own subjectivity.

Keywords: Delinquent Behaviors. Adolescence. Biopsychossocial Influence

Sumário

Capa.....	1
Resumo.....	2
Abstract.....	3
Sumário.....	4
1 Introdução	5
2 Objetivo.....	9
2.1 Objetivo Geral.....	9
2.2 Objetivo Específicos	9
3 Metodologia.....	10
4 Desenvolvimento	11
5 Considerações Finais.....	19
6 Referências.....	20

1 Introdução

A delinquência é uma problemática cada vez maior entre crianças e adolescentes, para justificar esse comportamento, o senso comum propõe uma série de respostas que acabam rotulando crianças e jovens como únicos responsáveis por seus atos, excluindo a importância biopsicossocial para a conduta, seja esta delinquente ou não. A sociedade considera-se isenta de culpa. Visto isso, o artigo busca explicações de causas para o surgimento e intensificação do comportamento delinquente. Uma vez que utiliza de materiais científico como revisões literárias e artigos explorativos, tem como responsabilidade social a nova visão sob aqueles que delinqui e como aspectos biopsicossociais influenciam no processo. Para isso, o presente artigo conta com diferentes teorias que se assemelham no processo de possíveis fatores de risco e proteção, utilizando diversos autores. Para que o objetivo seja alcançado, o trabalho será investigado a partir de questões biológicas, genéticas, psicológicas e sociais e como estes aspectos influenciam na formação de comportamentos, levando em conta os transição fase criança para adolescente.

A priori, entende-se que há diversas terminologias que englobam e se confundem com o termo delinquência. O dicionário online Priberam da Língua Portuguesa institui como delinquente “pessoa que cometeu um delito” e delito, por sua vez, como “infração à lei, ao dever; crime; culpa. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008). De acordo com Pral (2007), o ato de delinquir está associado a atos penais, enquanto anti-sociais a transgressão de regras. Para o autor, a delinquência abrange diversos níveis de gravidade indo de delitos simples como violação de horário, médio como desordem e vandalismo e grave, como assaltos (Pral, 2007 como citado em Weiner, 1995).

Sabe-se que hoje, a criança e adolescente cobre-se de leis, direitos, cuidados e assistências especiais ao seu desenvolvimento, sendo assim, as formas de tratamentos se diferenciam do adulto. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº 8.069/90) tem a responsabilidade de conduzir políticas públicas da criança e do adolescente, garantindo a proteção e assistência social aqueles envolvidos em atos delinquentes (Fiorelli & Mangini, 2009. pp.143-148).

Fuller (2017), comentando o Estatuto da Criança e adolescente (ECA), sugere que os direitos infanto-juvenil surge como uma especialização jurídica, em 1919 e deste então se modifica, hoje o Brasil conta com o Estatuto da Criança e do

Adolescente, que garante os direitos das crianças e adolescentes por meio de medidas socioeducativas. Já em seu primeiro artigo o ECA propõe leis como: “Art.1º Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente” (Fuller, 2017 como citado em Brasil, 1989, Art.1).

Winnicott (2005), focando no desenvolvimento desde a primeira infância, destaca a importância desta na formação da personalidade. Enfatiza que o meio social do bebê (inicialmente a mãe e depois expandido), implica na formação de questões internas e assim em comportamentos divergentes e agressivos, que podem desencadear comportamentos delinquentes no decorrer da vida. Assim, uma família falha pode conduzir a criança ao comportamento da delinquência (mesmo que inconscientemente), pelo processo chamado de privação, no qual a criança fica sem suporte emocional da família. Essa privatização faz com que a criança busque novos referenciais, em ambientes como escola e outros grupos sociais. O novo referencial pode ser um fator de risco a criança, já que este é escolhido por um indivíduo com suporte emocional falho e inserido num contexto social igualmente falho. Esse referencial será à criança um novo modelo a ser seguido. O autor também salienta sobre a carência familiar na influência para o comportamento delinquente.

Renavente (2002) por sua vez, associa a delinquência juvenil como consequência social, com tendências ao aumento de frequência e intensidade, considerando os atos infratores como estratégia para exposição do “caos interior”. A autora releva também a família e os grupos, juntamente com aspectos psíquicos, como influenciadores de comportamentos delinquentes.

Ressaltando principalmente a família, vinculação e educação como teorias explicativas, Fernandes (2012) nomeia a família como nível familiar e destaca a importância desta em seu trabalho.

Direcionando seus estudos a adolescência, afirmando as influências do meio social e a transição da infância a adolescência, a experiência de delinquir Fiorelli e Mangini (2009), propõe que conflitos, angústias e ansiedades embebidos essa fase do desenvolvimento, sendo assim, o adolescente busca um modelo chamado pelos autores de “herói”, os novos valores, crenças e morais do adolescente passa a ser embasado pelos comportamentos desse herói, que pode ser um considerado “herói-malfeitor” cujo seus comportamentos também apresentem características delinquentes. Os autores afirmam que inicialmente a família é modelo da criança,

esses modelos vão se modificando de acordo com o ambiente, já que o meio social da criança se expande para escola e amigos.

Pral (2007), em seu estudo exploratório, também ressalta a importância da família, aborda questões sociais, psicológica e do próprio desenvolvimento, levando em conta toda conturbação da fase adolescência.

De acordo com Pais (2011/2012), há importância do processo de socialização: familiares, escolas e grupos como referências à criança e adolescentes. Estes são responsáveis pela construção da identidade e personalidade da criança e do adolescente. Mesmo focando seu estudo nos grupos sociais, Pais (2011/2012) também salienta sobre os aspectos psicológicos envolvidos na mudança da fase infantil para adolescência. No decorrer de seu trabalho, investiga como a vinculação social afetiva influencia no comportamento humano, quando falho torna-se um fator de risco para o surgimento de comportamentos delinquentes, ressaltando no decorrer de seu trabalho a importância da família e da vinculação no processo de desenvolvimento.

Propondo hipóteses para o comportamento delinquente, Pinheiro (2017), acredita que há predisposição genética, modelo de conduta familiar e influência da escola, mas salienta também a transição para a fase adolescência e toda vulnerabilidade do pré-adolescente.

A fim de estudar sobre os adolescentes em conflito com a lei, Costa et al (2011) percebe que a maioria dos adolescentes se encontra na pobreza econômica e vulnerabilidade social.

Espírito Santo (2014) ressalta a genética, questões biológicas e de personalidade influencia no aparecimento de comportamentos delinquentes. Destaca também a importância da família, do contexto social e econômico da criança e adolescente. Segundo a autora, esse déficit socioeconômico conduz ao afastamento familiar e vinculação a grupos de amizade considerados de risco para delinquência. Para a autora as influências não devem ser consideradas como únicas responsáveis, no âmbito familiar há fatores que interferem no processo, são eles socioeconômicos, educação dos pais, déficit afetivo, falta de expectativas, pertencimento, entre outros fatores considerados de risco.

Nogueira (2003) a partir de uma visão psicanalítica propõe a família como responsável pela transmissão de cultura e assim reesponsáveis também pelos

processos e desenvolvimento psíquico. Além disso, a autora salienta o papel do agente paterno como suporte para a busca por ideais de cultura.

Nadir e Dell'Aglio (2010 como citado em Shoemaker, 2000) apresenta três níveis que possam explicar surgimento de comportamentos delinquentes em criança e adolescentes, são eles: nível individual (biológicos e psicológicos), nível estrutural (referente a aspectos sociais e coletivos) e nível sociopsicológico (refere-se a autoestima e influências de controle social). Segundo autoras, estes níveis podem gerar vivências estressoras e conseqüentemente riscos a vínculos familiares e sociais, contribuindo para surgimento de comportamentos delinquentes.

Serafim et al. (2006), além de considerar as influências genéticas, biológicas, sociais e ambientais enfatiza a influência psicológica, ressaltando a importância desta no processo de delinquir. Os autores consideram que aspectos cognitivos, afetos, sensoriais e neuropsicológicos estão diretamente interligados com a conduta humana e consciência moral. A partir disso, há o questionamento de Serafim, Barros e Rigonatti (2006):

É o Homem bom ou mau? Esse questionamento, comum de ser retratado em diálogos informais no cotidiano, que também inspira cientistas, filósofos e religiosas, atravessa os tempos, delineando oposições, muitas vezes polarizadas, talvez porque apenas focalizem motivações isoladas, ora exclusivamente aquelas que partem do indivíduo, ora que se detém ao meio. Mas o que é o meio, senão o agrupamento de todos nós? A manifestação de uma expressão não implica na existência subjacente da sua oposta? Ao considerarmos a índole humana, temos de entendê-la apenas unilateralmente?

Fica-se o questionamento e a necessidade de pesquisas de revisão de literatura e de campo sobre o tema. Se há delinquência infantil há maldade desde o nascimento ou a maldade é construída a partir das vivências? O que influencia comportamentos do bem e/ou do mal? Somos constituídos de bem e mal?

2 Objetivo

2. 1 Objetivo Geral

O objetivo é realizar uma pesquisa sobre comportamentos delinquentes na infância e adolescência, a fim de compreender fatores de risco que estimulam tais comportamentos e algumas de suas características.

2. 2 Objetivo Específicos

- Investigar comportamentos delinquentes infanto-juvenil;
- Investigar variáveis que influenciam no surgimento de comportamentos delinquentes.
- Investigar diferentes visões de autores quanto aos comportamentos delinquentes infanto-juvenil;
- Estudar sobre desenvolvimento infantil e adolescentes pareado ao comportamento delinquente;
- Analisar similaridades e diferenças teóricas;

3 Metodologia

Para obter resultados da problemática proposta pelo artigo, o trabalho foi concentrado na área da Psicologia Jurídica, mas investigando também outras interfaces como Psicologia do Desenvolvimento. A pesquisa explicativa foi embasada pelas obras visitadas de autores como: Winnicott (2005) e Winnicotte (1982). Fiorelli e Mangini (2009). Espírito Santo (2014), Serafim, Barros e Rigonatti (2006). Renavente (2002). Pais (2011/2012). Pinheiro (2017). Nardir e Dell’Aglia (2010). Fernandes (2012). Pral (2007). Costa, Penso, Sudbrach e Jacobina (2011). E Nogueira (2003). Buscando assim investigar de modo sistêmico, as interfaces dos comportamentos delinquentes e de questões que possam influenciá-los. Os critérios para fontes de pesquisa foram as primárias: artigos e dissertações e secundárias: livros. Fontes terciárias foram critérios de exclusão.

Outros seguintes critérios foram artigos encontrados na base de dados do Google Acadêmico, em português, para abranger aspectos da cultura brasileira, utilizando a palavra-chave: delinquência Juvenil, comportamentos delinquentes, com intervalo de tempo de 2002 em diante. Já os materiais impressos, livros com a temática psicologia jurídica, delinquência e adolescente em conflito com a lei. Foram utilizados também duas traduções de livros, uma de 2005 e outra de 1982, de autor inglês, a fim de coletar outra perspectiva. Por ser uma pesquisa qualitativa que utiliza conceitos e ideias para análise, foram selecionados 13 autores que se encaixam dentro da temática e dos critérios de inclusão

4 Desenvolvimento

Para Winnicott (2005), desde a primeira infância o ser humano é revestido pelo lado bom e o lado mal, sendo constituído pelo amor e ódio, aspectos estes que envolvem a agressividade. Segundo ele, estes sentimentos se mostram até mesmo quando o bebê ainda está na barriga da mãe, porém experiências de amor e ódio são sentidos de formas diferentes pelo adulto e criança, sendo mais intenso no adulto em comparação a criança. Desde a primeira infância, a agressividade é reprimida pela família, mas esta repressão pode causar perigo a criança e ao seu meio social, sendo disfarçada atribuída a fatores externos e por isso difícil de identificar as origens (Winnicott, 2005).

O comportamento do bebê ou da criança são derivados de sua personalidade, que se constrói principalmente pelas relações internas e mundo psíquico (segundo teorias de base psicanalíticas), no qual a maldade e a bondade se encontram. Sendo assim, Winnicott (2005) diz que a personalidade é formada pelas tentativas de harmonizar as relações internas com as relações externas, quando o ambiente proporciona estímulos para aspectos agressivos, a criança busca dramatização, trazendo ao mundo físico as fantasias inconscientes. O autor enfatiza que a masturbação precoce é um exemplo disso, futuramente esse comportamento é ocupado por comportamentos delinquentes.

A fim de explorar fatores de risco para a criança e adolescente que delinqui, Fiorelli e Mangini (2009) ressalta a transformação da fase criança para adolescência em relação as mudanças de valores e crenças, tais noções se confundem causando mudanças de pensamentos. Nessa nova reformulação de pensamentos, os autores enfatizam a necessidade do adolescente no que denominam de novos “heróis”, visto pelo adolescente como um modelo, alguém em quem se espelhar. Devido à instabilidade emocional, a etapa é considerada de risco, pois o adolescente assume os mesmos comportamentos do “herói”, segundo os autores, atos delinquentes podem ser explicados a partir dessa concepção.

Na infância, os heróis são principalmente a família e após é a escola, Fiorelli e Mangini (2009), propõe que o lar é o principal transmissor de modelos e comportamentos. Winnicott (2005) acredita que o meio social da criança (pais ou responsável), juntamente com questões psíquicas (aceitação, por exemplo), implicam em comportamento disruptivos. Para ele, para que o desenvolvimento inicial aconteça

de forma integrada é essencial que a criança (bebê) receba cuidados suficientes, tornando o ambiente bom para o desenvolvimento social e maturação.

Para Winnicott (1982), a criança, quando está desenvolvendo o emocional, tende a destruir, seduzir e confrontar o lar. Nesse período há fragilidades e a personalidade ainda não está totalmente integrada, sendo assim a criança precisa que a família proporcione a ela amor e força para o progresso do desenvolvimento emocional. Quando a família não dá conta das confrontações da criança, dá-se a ela insegurança, quebrando a ideia de força, dessa forma a criança procura em outros ambientes o que não recebeu da família, a criança, na esperança de receber o que falta, delinque, com o intuito da sociedade suprir esse déficit, possibilitando-a de evoluir emocionalmente. Quando o pedido de socorro não é atendido, a criança se volta contra a sociedade, surgindo assim os comportamentos delinquentes. Sendo assim, para o autor condutas delinquentes estão relacionadas ao desenvolvimento emocional fragilizado pelo ambiente.

Em contraposição, Pral (2007 como citado em Klein, 1937) apresenta o argumento que comportamentos delinquentes também estão presentes em crianças com o desenvolvimento emocional saudáveis, sendo parte de fantasias do desenvolvimento emocional normal.

Pensamentos dos diferentes autores se assemelham na ênfase da importância da família, da escola e de outros grupos sociais (amigos, por exemplo). Fiorelli e Mangini (2009) salienta que há diversas teorias sobre o assunto da delinquência como fenômeno social, segundo eles há práticas que podem intensificar o risco, como condições sociais, crise de valores, danificação no desenvolvimento familiar, como alcoolismo paterno, perda dos grupos primários, lares substitutivos, entre outros fatores de risco que propiciam ao crime.

A família é o principal modelo de conduta, a criança se comporta a partir dos valores e crenças aprendidos visto aos comportamentos de familiares (Pinheiro, 2017). Sendo então a principal influência de como o indivíduo se relaciona com o meio, por intermédio da aprendizagem de valores e observações de modelos de comportamentos, quando os valores não condizem com o esperado socialmente, implica consequentemente na aprendizagem de comportamentos delinquentes, portanto a família contribui para a formação da moral e da ética, mesmo não sendo família o único modelo de aprendizagem social (Fiorelli & Mangini, 2009).

Segundo Serafim et al. (2006), a infância também é a principal etapa para construção da personalidade, coincidindo com o proposto por Winnicotte (2005). Para os autores é nesta fase que é transmitido os valores e regras sociais, ressaltando também a importância da família, cuja é responsável pela transferência de valores e regras e assim responsável pela aprendizagem de comportamentos sociais (Serafim, Barros & Rigonatti, 2006). De acordo com Pais (2011/2012), é na infância que a criança forma seus primeiros comportamentos influenciados pelo seu meio social (inicialmente a família é o único meio social da criança que conforme se desenvolve o processo de socialização se abrange , incluindo a escola e outros grupos sociais) sendo essenciais na formação da personalidade. Quando chega a adolescência, o meio social está maior, além disso a fase traz consigo conflitos físicos e psicológicos que influenciam também na construção e manutenção da personalidade. Sendo assim quando há ausência do meio social e ausência de vinculação com os pais, a criança e ou adolescente começam a aparecer sentimentos de marginalização e exclusão, consequentemente comportamentos delinquentes.

Destacando a relevância da família no processo de delinquir, Winnicotte (2005) fala que a criança testa suas habilidades de contrapor, agredir e manipular no ambiente familiar, esperando (inconscientemente) que os pais reagem aquelas atitudes, conseguindo suportá-las e reorganizá-las. Quando os pais dão conta desse comportamento da criança, ela se estabiliza e continua seu processo de desenvolvimento emocional. Caso contrário, a criança se sente “livre” e acredita que pode fazer tudo que gera prazer. Quando se depara com essa falta de suporte dos pais, a criança busca outro “referencial”, este referencial assimila-se com o “herói” proposto por Fiorelli e Mangini (2009). Para Espirito Santo (2014), o suporte familiar, supervisões paternas, atenção, vinculação, são importantes para o desenvolvimento infantil e emocional da criança, caso esses comportamentos sejam negados, a família, que até então é considerado fator de proteção, torna-se fator de risco para o aparecimento da delinquência, já que a criança não se desenvolve emocionalmente. Pais (2011/2012) também enfatiza o papel da família sendo essencial para o vínculo e assim o desenvolvimento saudável. O desenvolvimento influencia no processo de aprendizagem e processos de socialização. Se a vinculação falhar, esses processos sociais também falham e assim a criança terá dificuldade de interações com o meio (Pais, 2011/2012. como citado em Alarcão, 2006).

Para Nogueira (2003) a família é responsável pela estabilização dos níveis do desenvolvimento psíquico da criança e do adolescente. O agente paternal tem a função de posicionar contra os impulsos da criança, propondo a ela espaço para interesse em outros aspectos da cultura, dentre eles a delinquência está presente.

A escola e todo contexto escolar é outra grande aliada no processo de construção de valores e comportamentos, e tem o poder de modificá-los e/ou enfraquecer comportamentos aprendido no âmbito familiar, principalmente em família mais abertas e difusas (Fiorelli & Mangini, 2009). A escola, para Pinheiro (2017), é fonte de modelo de conduta, esta influência na construção da personalidade da criança, principalmente quando a criança não se encaixa na conduta familiar.

Fiorelli e Mangini (2009) teoriza que a escola pode ser influenciar delinquências devido aos grupos, como violências e uso de drogas. Para eles, estes comportamentos distorcidos estão cada vez mais precoce, segundo autores esses comportamentos não condizem com o esperado das fases infanto-juvenil (Fiorelli & Mangini, 2009).

Destacando também a importância dos grupos como fonte de imitação e modelo, Renavente (2002) aponta os grupos como meio da aprendizagem social, uma vez que estes influenciam nos comportamentos. Estes pensamentos coincidem com os pensamentos da autora Espírito Santo (2014 como citado em Elliott, Huinzinga & Menard, 1989), que consiste em explicar atos de delinquir influenciados por associações em grupos de amigos delinquentes, estes influenciam no surgimento precoce e fortalecimento de comportamentos delinquentes.

A delinquência juvenil é considerada uma etapa do processo de desenvolvimento do adolescente. Considera-se delito juvenis atividades com maior intensidade, frequência e precocidade. Entre os jovens, esses comportamentos são mais comuns em grupos, os atos mais comuns são furtos, condutas contra normas, vandalismo entre outros, a fim contrariar autoridades, seja ela pais e/ou outros (Pais, 2011/2012).

O momento da adolescência é considerado de vulnerabilidade devido os sentimentos causados por esse processo, como ódio, ansiedade e revolta. Espírito Santo (2014) salienta que essa fase é marcada por conflitos (internos e familiares), crises (existencial e de perdas), instabilidades (emocional e afetivos), confusões (internas, físicas, busca por identidade, autonomia), entre outros sentimentos de ambivalência. Nogueira (2003) considera a questão da identidade e a impulsividade

como uma problemática a delinquência. As dificuldades da adolescência também são descritas por Pais (2011/2012 como citado em Pral, 2007), salientando que a adolescência é marcada por alterações físicas e psicológicas e pela busca de identidade, gerando conturbações. Nessa busca o adolescente se constrói baseado na suas vivenciais pessoais, inserindo em grupos que se identifica e afastando-se da família.

Pral (2007) propõe que a transformação da fase infantil para a constituição do novo adolescente é marcada por crises, como as alterações corporais e sociais, vulnerabilidade emocional, maturação sexual entre outras questões que causam desequilíbrio psicológico. Nesta fase, devido a maturação sexual, ocorre as primeiras experiências sexuais e como consequência da excitação sexual, expressa-se os instintos agressivos. Além disso, a agressividade também é expressada pelo luto pela imagem corporal infantil, expressada contra as figuras paternas, afastando-os e abrindo espaço para novos pares, constituindo assim novos referenciais.

O adolescente busca o apoio psicológico na família e na escola, quando não encontra, se apoia nos grupos de amizade, pois são eles que compartilham as mesmas angústias, assim quando o grupo introduz comportamentos e valores inadequados, os valores aprendidos por meio da família perde sua potencialidade (Fiorelli & Mangini, 2009). Isso é afirmado por Espírito Santo (2014) que considera a adolescência propensa aos comportamentos desviantes, devido a sua vulnerabilidade, uma vez que esta é influenciada por grupos de amigos, e muitos destes amigos se comportam de modo delinquente. Além disso, o grupo é aberto a novas experiências e sensações, como consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas. Nessa etapa, a família que até então era o primeiro modelo referencial toma lado e desvincula-se, dando espaço a novos modelos para construção da identidade do adolescente. Devido todas as perturbações emocionais, o período da adolescência é marcado pela vulnerabilidade da fase, dessa forma surge comportamentos típicos nos adolescentes, dentre eles estão comportamentos desviantes e opositores. Além disso, Pral (2007) salienta que a adolescência não ocorre de forma linear devido as diversas variáveis, como sociais, afetivas e psicológicas.

Levando em conta toda conturbação gerada pela etapa da adolescência, Espírito Santo (2014 como citado em Le Blanch, 1999) alguns atos infracionais são normais da adolescência, quando o adolescente tem o suporte necessário da família e outros meios sociais, essa fase pode ser passada sem muito resquícios. Essa

questão de normalidade também é proposta por Renavente (2002), já que afirma que a adolescência e o ato de transgredir são duas etapas inerentes do ser humano, necessário para o desenvolvimento e que a partir disso o sujeito adquire formas de socialização, portanto certos comportamentos delinquentes são comuns da fase. De acordo com Renavente (2002), cabe a família direcionar comportamentos ao adolescente, para que estes comportamentos não ultrapassem os limites das transgressões. Assim como os autores citados, Pais (2011/2012), propõe a “Relação Idade-Crime”, segundo a autora é uma forma que o adolescente encontra de afirmar sua independência e conforme o adolescente se desenvolve abandona esses comportamentos de delinquir. Pral (2007 como citado em Klein, 1934) afirma que estes comportamentos diminuem na medida que minimiza a ansiedade em praticar e aumenta o sentimento de culpa, ativando a consciência moral e ética. O mundo externo e interno, junto com predisposição e vivências são repertórios formam os comportamentos, sendo assim, o ato de delinquir é visto como revelação dos limites proibidos como vontade pessoal que interfere de forma negativa no espaço do outro (SERAFIM et al.2006).

Pinheiro (2017) em suas hipóteses para explicar influências para o comportamento delinquente, cita a predisposição genética, no qual o bebê/criança se desenvolve a partir do seu modelo de conduta. Crianças delinquentes com predisposição genética tem pais delinquentes ou que já foram delinquentes, a criança aprende com o modelo de conduta, por isso há grande probabilidade de a criança desenvolver comportamentos delinquentes. Segundo Costa, Penso, Sudbrach e Jacobina (2011), quando se estuda as crianças e adolescentes que cometeram atos infracionais, percebe-se que há “histórico transgeracional”, que repetem comportamentos das gerações anteriores.

Geografia do crime é citado por alguns autores como lugares vulneráveis a prática da delinquência. Segundo os autores Fiorelli e Mangini (2009), visto do ponto de vista neurológico, há lugares que estimula o cérebro a delinquência, que obedece aos comandos com respostas a estímulos violentos, esses lugares são denominados “geografia do crime”, que se estende a terminais rodoviários, baladas, bares etc. Isso é citado por Pinheiro (2017), que afirma que há lugares que favorecem a prática de crimes, cita também os bares, festas raves, boates etc.

Costa et al (2011), afirma que em seu estudo a grande parte dos adolescente em conflito com a lei são de classe econômica baixa, que vivem em contextos de

vulnerabilidade social, com facilidade de inserção ao tráfico de drogas e vendas de armamentos, sendo assim o crime acaba se tornando gerador de renda.

Pais (2011/2012) propõe que além das mudanças psicológicas da fase do desenvolvimento, o adolescente também passa por transformações físicas, implicando em conflitos psicológicos e conseqüentemente em tendências agressivas. Há questões individuais emocionais que tendiam comportamentos delinquentes, como altos índices de raiva, agressividade, impulsividade e baixos índices de autoestima. Para Winnicott (1982), assim como para Pinheiro (2017), a agressividade é uma energia do indivíduo, sendo inerente do ser humano e de qualquer etapa da vida, desde a primeira fase do desenvolvimento até a última, em idosos.

O processo de delinquir juvenil, para Renavente (2002), acontece por duas vertentes: a primeira é a busca por autonomia, e para isso o adolescente desvia-se do controle social e de autoridades. E a segunda refere-se à necessidade do adolescente em construir uma identidade social. Serafim et al. (2006) propõe que aspectos que aumentam o individualismo, como inveja e despreparo relacional implica no crescimento de autoquestionamento, essa confusão psicológica torna-se responsável pela necessidade de reconhecimento. O mesmo afirma Espírito Santo (2014), na adolescência há busca por autorrealização e aparecimento social, no qual a criança deixa de existir e abre espaço para o adolescente, o adolescente anseia por mudanças, por socialização e por novas experiências, nessa busca o adolescente se depara com os comportamentos ilícitos: consumo de drogas, pequenos furtos, aumentando posteriormente a intensidade (Espírito Santo, 2014). Em busca do conforto emocional, a criança ou adolescente acaba se envolvendo com drogas e os chamados heróis malfeitores, por tanto o adolescente passa a acreditar que as drogas e os malfeitores são fonte de vitórias fáceis e benefícios. O malfeitor-herói pode ser considerado uma motivação para tornar-se conhecido, dessa forma é modelo para muitas crianças e adolescentes uma vez que proporciona a estes alguma “fama” (Fiorelli & Mangini, 2009).

Na adolescência, há busca por autorrealização e aparecimento social, no qual a criança deixa de existir e abre espaço à adolescência, o adolescente anseia por mudanças, por socialização e por novas experiências, nessa busca o adolescente se depara com os comportamentos ilícitos: consumo de drogas, pequenos furtos, aumentando posteriormente a intensidade (Espírito Santo, 2014). Os fatores socioeconômicos vulneráveis também são propostos como fator de risco devido as

fragilidades sociais e tradicionais, a discriminação, humilhação. Nesses lugares socialmente afetados há grande demanda de comércios de drogas e tráfico ambiente e um adolescente com desejo de ser reconhecido.

Além disso, Fiorelli e Mangini (2009) ressalta que há micro fatores externos tendentes a impulsionar crianças e adolescente a comportamentos delinquentes, dentre eles estão a falta de limites e a expectativa de impunidade. A falta de limites pode estar relacionada a falta de comprometimento dos pais com o filho, consequentemente desencadeia na criança/adolescente a incapacidade de amar, ocasionando consequências sociais como diminuição do outro perante a si. Já a expectativa de impunidade está relacionada a consequências como pouca punição aos delitos e sujeito reforçado por suas atitudes delinquentes. Há uma crença de que a punição não é para todos e que não se aplica aqueles cautelosos, quando um ato delinquente é cometido e não há punição, essa crença se confirma, aumentando a audácia dos atos (Fiorelli & Mangini, 2009). Ainda considerando o ponto de vista neuropsicológico, Pais (2011/2012) citando Moffit (1993) diz que a continuidade dos comportamentos delinquentes na vida adulta pode estar relacionada à déficits neuropsicológicos juntamente com ambientes falhos e desfavoráveis.

No que diz a respeito sobre gênese de comportamentos, o ato delinquente pode associar-se ao prazer a dor, seja ao outro, violência em si, física e/ou psicológica. A cada ato violento o delinquente tem a satisfação cada vez mais reduzida, aumentando a intensidade dos atos, propõem que os ato criminoso “transforma-se em cocaína emocional que precisa ser cada vez mais ingerida para proporcionar um mínimo de satisfação” (Fiorelli & Mangini, 2009, p.222).

Tanto em crianças quanto em adolescentes, a delinquência é considerada um pedido de socorro dos delinques, autores como Fiorelli e Mangini (2009) afirmam essa hipótese, propondo que o delinqui agride o outro como forma de expressão as agressões vivenciadas por ele. Winnicotte (2005), acredita que a delinquência (em certos casos) não se trata de uma patologia, mas sim de uma esperança. Quando a criança e adolescente delinqui, eles estão fazendo além do comportamento aparente, estão pedindo socorro, buscando possuir o que faltou receber dos pais. E quando não recebe ajuda, acaba se rebelando contra a sociedade, delinquindo (Winnicotte, 1982). Também partindo desse pressuposto, Nogueira (2003) afirma que a delinquência é vista como um “apelo ao Outro” (Nogueira, 2003 como citado em Alverti, 1995).

5 Considerações Finais

Percebe-se que no decorrer do trabalho, mesmo com autores e teorias distintas, considera-se que a delinquência infanto-juvenil é um conceito muito mais complexo do que se pensa. As questões que influenciam no comportamento de delinquir vão muito além do simples fato de condições socioeconômicas baixas ou apenas a resposta meritocrática clichê de que todos tem as mesmas oportunidades ou até mesmo a mais simples resposta de que delinqui porque quer.

No decorrer da monografia é possível observar a importância da família como principal transmissor de valor e comportamentos e logo após a influência do meio social como modelos de conduta. Porém não se pode reduzir a magnitude das questões psicológicas e como esta influência no processo.

Sendo assim, espera-se que depois de lido, pensamentos preconceituosos, simplificadores e de senso comum possa ter sido deixado de lado e para ser visto a partir da completude do assunto, levando em conta cada variável e que cada ser humano possui sua dinâmica psíquica e formas diferentes de percepção de mundo baseado no que foi aprendido na infância e adolescência.

.

6 Referências

- Costa, L. F., Penso, M. A., Sudbrack, M. F. O., & Jacobina, O. M. P. (2011). Adolescente em conflito com a lei: o relatório psicossocial como ferramenta para promoção do desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 379-387. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000300005>
- Delinquência. (2019). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Recuperado de <https://dicionario.priberam.org/delinquente>
- Delito. (2019). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Recuperado de <https://dicionario.priberam.org/delito>
- Espírito Santo, A. L. C. (2009) *Jovens e Comportamentos Delinquentes* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e Exclusão Social). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Recuperado de http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6332/Tese%20da%20Yara_Janeiro%20Final%20-%20TE%C3%93RICA%201.pdf?sequence=1
- Fernandes, A. S. (2012) *Delinquência Juvenil: Vinculação aos pais e educação parental* (Dissertação de Mestrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação). Universidade do Porto, Porto. Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67765/2/30301.pdf>.
- Fiorelli, J. O. & Mangini, R. C. R. (2009) *Psicologia Jurídica* (1ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Fuller, P. H. A. (2017) Estatuto da criança e do adolescente comentado. *Revista dos Tribunais*. [s.l.].
- Nardir, F. L.; Dell'aglio, D. D. (2010) Delinquência Juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77. Recuperado de <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n2/v13n2a07.pdf>

Nogueira, C. S. P. (2003) O adolescente infrator. In F. O. Barros, *Tô fora: o adolescente fora da lei: o retorno da segregação*. São Paulo: Del Rey.

Pais, M. F. X. (2011) Delinquência Juvenil: As consequências da ausência de vínculos familiares na adoção de comportamentos desviantes (Monografia para licenciado do curso de Criminologia). Universidade Fernando Pessoa, Porto. Recuperado de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3362/3/T_21283.pdf.

Pral, C. (2007) Oportunidade e Risco: suportes sociais e fatores psicossociais associados ao fenómeno da delinquência juvenil (Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/824/1/DM%20PRAL1.pdf>.

Pinheiro. C. (2017) Psicologia Jurídica. [s.l.]: Saraiva.

Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 20(4), 637-645. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312002000400008&lng=pt&tlng=pt.

Serafim, A. P., Barros, D. M. & Rigonatti, S. P. (2006) Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica II. [S. l.]: Vetor.

Winnicott, D. W. (2005). Privação e Delinquência. São Paulo: MartinsFontes.

Winnicott D. W. (1982) A criança e o seu mundo. Brasil: LTC.